



Michel
Maffesoli

**A nostalgia
do *sagrado***

MICHEL
MAFFESOLI

A nostalgia do *sagrado*

O retorno do religioso nas sociedades pós-modernas



2024

Título original: *La nostalgie du sacré. Le retour du religieux dans les sociétés postmodernes.*

2020, Les Éditions du Cerf. Tradução autorizada.

Direitos para edição brasileira

© 2024, Michel Maffesoli

2024, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão

Fabiano Incerti

Diretor do Instituto Ciência e Fé

Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla

Gerente de Identidade Institucional

Diogo Marangon Pessotto

Coordenador do Instituto Ciência e Fé

Douglas Borges Candido

Organização da Tradução

Fabiano Incerti

Douglas Borges Candido

Tradução

Eduardo Portanova Barros

PUCPRESS

Gerência da Editora

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Clarisse Lye Longhi

Revisão

Clarisse Lye Longhi

Capa e projeto gráfico

Rafael da Matta Hasselmann

Diagramação

Rafael da Matta Hasselmann

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Maffesoli, Michel

M187n

2024

A nostalgia do sagrado : o retorno do religioso nas sociedades pós-modernas / Michel Maffesoli ; tradutor: Eduardo Portanova Barros. – Curitiba : PUCPRESS, 2024.

298 p. ; 21 cm

Tradução de: *La nostalgie du sacré : le retour du religieux dans les sociétés postmodernes*

ISBN: 978-65-5385-121-4

1. Sagrado, O - Aspectos sociais. 2. Sagrado, O - Igreja Católica. 3. Religião e sociologia. I. Título.

24-180

CDD 20. ed. – 306.6

Sumário

Prefácio à edição brasileira	7
Esboço	15
1. A razão integral	29
2. Convite ao mistério	55
3. A descida aos infernos	77
4. A era do nós.....	101
5. Dever de memória	119
6. Aventura da transmutação	137
7. A treva radiante	169
8. A imensidade da vida	195
9. O mistério da trindade, uma imperfeita perfeição	213
10. Catolicidade.....	251
Abertura	279
Posfácio	285

À Andréa Bosqué-Maffesoli.



Prefácio à edição brasileira

O retorno do sagrado

É uma satisfação que, graças à PUCPRESS, esta “Nostalgia do sagrado” possa aparecer no Brasil. Tenho salientado, muitas vezes, que este país poderia ser considerado o “laboratório da pós-modernidade”. Ou seja, onde se desenvolvem, com maior ou menor consciência, os valores próprios da sociedade contemporânea. Incluindo o sagrado!

Pensar, com precisão, o que se pode chamar o paradoxo do sagrado não é apreender o Ser na sua inteireza, sem determinação, ou seja, sem limites? Com efeito, a “*determinatio*” era, entre os romanos, o marco que delimitava um campo. Em lógica: é, pois, o que limita delimitando. O que transmite as características e especifica as modalidades. A visão mística, por sua vez, trabalha para ver o infinito, para “*monstruá-lo*” em sua monstruosa estranheza.

O que o oculto, velado, secreto (e poderíamos multiplicar as metáforas), enfim, o que o não aparente revela é a inversão da polaridade em curso. Seguindo o pêndulo das histórias humanas, à medida que se encerra uma época – ou seja, um “parêntese” – moderna, o espiritual, que foi a marca

da pré-modernidade, recupera força e vigor. O magnetismo não é mais exercido pela Razão soberana, da qual a Reforma foi a propagadora, mas por um vetor emocional essencial da antiga tradição católica.

Ao especificar que o não racional, como indiquei em escritos anteriores, não é o irracional. Ele tem uma razão própria, daí o meu oximoro de “razão sensível”, outra maneira de atualizar o bem conhecido pensamento de Pascal: “O coração tem suas razões que a própria razão desconhece” (fragmento 397). Em retórica, trata-se de uma *diáfora*, sublinhando a diversidade semântica de um termo: nesse caso, a razão tem significados múltiplos e complementares. Toda a obra de São Tomás de Aquino repousa, como sabemos, na conjunção da razão e da fé.

Não nomear Deus com precisão, isto é, não “determiná-lo” e, portanto, limitá-lo, eis o que é o coração pulsante do “sacral” (Jacques Maritain): recordar a força do espírito. O sentido do retraimento sublinha a *potência* espiritual oposta ao *poder* do materialismo.

Obviamente, o “sentido” do retraimento não se refere a nenhuma finalidade, mas a uma significação que basta em si mesma. Como diz o filósofo católico, Romano Guardini, a propósito da liturgia: “*Zwecklos aber Sinnvoll*”. Podemos traduzi-lo assim: “sem *senso* mas pleno de *sentido*”? Em todo caso, este “**senso sem sentido**” exprime bem a absorção do espírito na contemplação. Um “buraco negro” semântico que favorece a glorificação do espírito e do corpo unidos na sua

inteireza. Não mais a retração sobre um princípio da realidade econômica: a economia da salvação individual, fundamento da economia política, mas uma elevação a um Real muito mais vasto, o da deidade em seu valor indefinido, portanto infinito.

A abordagem apofática é uma rigorosa auscultação desse retraimento. Do que Heidegger, lindamente, chama de “*Verbergung*”, aquilo que está oculto, escondido, aquilo que abriga o Ser. Este último, aliás, lembra-o ao longo de sua obra, que a verdade, *alétheia*, é um processo, sem fim, do desencobrimento. Daí a necessidade do retraimento que é a razão de ser do **desvelamento**.

Dialogia entre ocultação e *desocultação*, o que é uma forma de celebrar o sagrado. “Que Deus e o divino nos faltem, é isso uma ausência. Somente a ausência não é nada, ela é uma presença”. Ausência-presença que poderia levar Heidegger a dizer que sua filosofia era “uma espera de Deus”. Do divino, para usar uma expressão da fenomenologia, como “*Urgrund*”, solo originário a partir do qual se pode desenvolver a busca peregrina de uma verdade sempre em formação.

É para compreender um Ser separado de qualquer determinação excessivamente precisa que a teologia “apofática”, por sua vez, desvincula-se do procedimento conceitual. Em uma espécie de empatia amorosa, ela reconhece, assim, segundo o que diz Mestre Eckhart, que “o desprendimento perfeito está tão próximo do Nada¹ que, entre o desprendimento

¹ NT: No original, em francês, *néant*. A letra maiúscula se justifica, aqui, para dar o sentido de “princípio de tudo”, conforme Maffesoli, e diferenciá-lo, portanto,

perfeito e o Nada, *nada*² poderia existir”. O Nada, nesse caso, não é o *nada*, mas sim aquilo de onde surge o Ser. É o **Ser do fundo**: fonte original de todo ente.

É, pois, uma fundação secreta necessária para qualquer desvelamento da verdade. Da mesma forma, é, como uma *centralidade subterrânea*, um fundamento irrefutável para todas as instituições humanas. Suporte que, ao mesmo tempo, evita o colapso e garante, no longo prazo, a sua sobrevivência. Já no início da era cristã, os detratores disso que, mais tarde, foi chamado de Igreja das Catacumbas chamavam os cristãos, “*gens lucifuga*”, em seu sentido estrito: esta “raça fugindo da luz”.

A metáfora, talvez injuriosa, é sugestiva. Ela indica que o *fio vermelho* (este fio que não vemos no centro da corda) é o exato segredo que relativiza a luz da Razão: a filosofia das “Luzes” do século XVII. Ou, em todo caso, complementando-a com outros elementos não menos importantes. Talvez seja esta estruturação secreta que assegura a permanência de uma instituição que é, por natureza, perecível. Deste ponto de vista, o que podemos chamar de “Igreja invisível” ou “Igreja interior” seria composta por aqueles que guardam o legado.

Há, de fato, um aspecto que, muitas vezes, esquecemos e que, no entanto, merece atenção: é o que diz respeito

dele, este “nada”, como advérbio de negação (coisa nenhuma). Em português – diferentemente do francês, que usa ora *néant* (“nada”), ora *rien* (também “nada”), dependendo do contexto –, a palavra “nada” traduz ambos e outros vários sentidos.

² *Rien*, no original em francês.

à religiosidade de base, à igreja invisível, reencantando um mundo desencantado. De minha parte, cada vez que vou ao Brasil, fico impressionado com o reencantamento, estrutural, da vida cotidiana! De fato, o que é sempre e novamente atual, senão a constituição, no seio de qualquer instituição humana, das verdadeiras comunidades, mais ou menos secretas ou discretas, onde se reforça esse laço de interação, fazendo com que tudo seja o que é a partir de uma primordial relação existencial. *Primum relationis!*

Georg Simmel mostrou, claramente, como essas sociedades secretas foram a pedra de toque de toda a verdadeira socialidade. De minha parte, insisti no fato de que a “lei do segredo” era uma boa alavanca metodológica para compreender a realidade interior das tribos pós-modernas. O processo de complementaridade em que se baseiam. Em suma, essa “sociedade em negro” que, a todo tempo, escapou aos poderes estabelecidos. E que, a todo tempo, igualmente, também foi caçada por eles. Este é bem o coração pulsante da dimensão “sacral” de toda a vida em sociedade.

Esse fenômeno societal em que o segredo desempenha um papel primordial, esse fenômeno que, para usar uma expressão de Goethe, caracteriza “afinidades eletivas”, é, agora, uma realidade incontornável, mesmo para aqueles que, desdenhosamente ou com amargor, foram os seus detratores resolutos. Já entendemos!

Não podemos mais negar, nem que seja para lamentar os efeitos, que a tendência é existir apenas em relação ao

outro. Segundo o adágio que a mística renana aplicava à deidade – “*Ich bin du, wenn ich bin*” (“Sou tu quando sou eu”) –, há, hoje, um ressurgimento dessa interpenetração das consciências. Senão que a deidade em questão vai ser a comunhão comunitária, a comunhão com a natureza ou mesmo a obsessão por objetos técnicos. Em todos esses casos, existe uma espécie de possessão que significa que alguém é ele mesmo em função da alteridade; que só existimos através e sob o olhar do OUTRO. Deste Outro que é Deus!

Sem desmerecer os vários “positivismos”, e eles são uma legião, existe uma dimensão esotérica nas coisas. Dependendo das tradições, isso pode assumir nomes diversos, mas a realidade – estrutural – é idêntica. Assim como, no catolicismo, ao lado da Igreja oficial, ao lado da Igreja de Pedro, a Igreja de João, esta privilegiando o poder, a instituição, a inscrição no mundo temporal, esta enfatizando a potência do espírito.

É este *philum* “joânico” que vamos encontrar no “sacral” contemporâneo. O sincretismo filosófico, o relativismo teórico e o gnosticismo popular se inscrevem, certamente, em tal perspectiva. É o que encontramos na “nostalgia do sagrado” que se enraíza profundamente na vida banal. O que o catolicismo tradicional foi capaz de manter. O que, na minha opinião, encontra-se na vida cotidiana no Brasil!

Foi dito que a essência do catolicismo é a “reliança” da Igreja visível e da Igreja invisível, enquanto o cristianismo, no seu aspecto racionalizado (protestantizado?) seria, pelo contrário, a separação. Observação judiciosa de que a

relação do visível e do invisível é muito mágica, pagã. Há, pois, nesta concepção do catolicismo, uma persistência politeísta. E a veneração da Virgem, a quem se deve o culto da “hiperdulia”, aquela dos santos aos quais é concedido um culto da “dulia”, sem esquecer os vários rituais litúrgicos com sonoridades arcaicas: Festa das Rogações, Natal e o solstício de inverno, o de verão com a Festa de São João, Dia de Finados etc.

Podemos considerar que a “socialidade” pós-moderna é a forma contemporânea da “comunhão dos santos” da memória antiga. Ou seja, afirmá-lo que, a partir dos meios tecnológicos, como a internet, estamos, misteriosamente, unidos a outros para além do espaço e do tempo.

É este “*primum relationis*”, enfatizando as situações vividas com os outros, que, para além da virtude insípida própria da moral transcendente, una e racional, exige uma “*virtu*” católica mista de força imanente e do sentimento trágico de vida. É tal ética “deontológica” que pode permitir compreender as múltiplas e reais revoltas contra a hipócrita tepidez da moral própria do mundo comercial. Insurreições das quais não há o que rezear, já que são, ao mesmo tempo, causas e efeitos da transmutação de todos os valores próprios da “socialidade” pós-moderna: imanência das formas antigas, continuidade da vida vivida. Uma espécie de transcendência imanente!

Michel Maffesoli

Professor Emérito da Sorbonne



Esboço

Posseder la vérité dans une âme et un corps
(Possuir a verdade na alma e no corpo)
Arthur Rimbaud.

É sendo realista, ou seja, reconhecendo a estreita união do espírito e do corpo, que se pode cercar, arduamente, os mistérios terrenos em referência aos mistérios do sagrado. A partir daí, podem-se abrir algumas portas desse maravilhoso templo que é a vida. É preciso alguma audácia para fazê-lo. Porém, longe dos lugares-comuns, que, muitas vezes, servem como uma regra do pensamento, os espíritos livres não têm medo de fazê-lo e de aceitar o risco do *sobrenatural*, a fim de compreender a riqueza insondável do *natural*. O que nos conduz de volta à fonte. Entretanto, sabe-se que “proveniência é sempre futura”.

Assim, pois, é uma odisséia que começa. O retorno ao país natal do sagrado. Trata-se do que se espalha, sub-repticiamente, nesses “princípios práticos” da vida cotidiana. Princípios práticos que, segundo Tomás de Aquino, constituíam este *habitus*, determinando a moralidade própria

de toda a vida social³. A isso voltarei, por vezes, de um modo obsedante: convém ter cuidado com o que Jean-François Colosimo chama de “logismo”, o que escraviza a vida em uma “representação tida como realidade”⁴.

Embora sejam tais “princípios práticos” tomistas que nos tornam, por outro lado, conscientes do fato de que “é a arte, a cultura e, mais genericamente, os costumes” que, na verdade, são os “lugares orgânicos para o pensamento”. Isso é bem o que esses espíritos considerados robustos, mas, em verdade, surpreendentemente frágeis, recusam-se a enxergar. O que os torna incapazes de compreender, ou até mesmo perceber, o retorno do sagrado. Mas não é isso que caracteriza um percurso intelectual autêntico, ou seja, ao contrário das nossas *evidências* teóricas, ver o que é *evidente*? Como diz a sabedoria popular, o que “salta aos olhos”.

Karl Marx, em *La question juive*⁵, observa que é conveniente passar da crítica da religião para a crítica da política. O que seria o próprio fundamento de todas as teorias da emancipação, da obediência *marxizante*, que vieram à luz no século XIX. Emancipação constituindo, ainda nos dias de hoje, a preocupação de uma *intelligentsia* considerando-se educadora de um povo naturalmente débil.

Também é preciso recordar como para alguns, entre os quais Karl Löwith, o messianismo cristão torna-se,

³ Thomas d’Aquin, *Somme de théologie*, Ia-IIae, Q. 49 60.

⁴ J.-F. Colosimo, *L’Apocalypse russe*, Paris: Fayard, 2008, p. 7677.

⁵ NT: “A questão judaica”.

gradualmente, messianismo social. Foi isso que fundou o mito do Progresso, conduzindo-nos a um *progressismo* que, ainda nos dias de hoje, tanto preocupa os políticos de todos os matizes e esses meio-soldos da teoria, caracterizando a miríade de “experts” que, não tendo nada a dizer, empenham-se em soprar suas trombetas aos quatro ventos⁶.

A estrutura essencial do pensamento específico da modernidade consistia em fazer a humanidade “mutar”. Quer dizer, a ideia-princípio do “logismo”⁷, o que eu, de minha parte, chamei de “ideosofia”. Trata-se de ocupar o lugar de um Deus criador e de dar vida ao homem numa sociedade “fora da natureza”. Atitude paranoica, esquecendo que, no seu fundo, o homem permanece inalterado, e que ele é, estruturalmente, imutável. Esquecendo, também, que a natureza serve de alavanca à sobrenatureza “sacral”. Neste sentido, o retorno do sagrado é, tão somente, o retorno às leis naturais como propedêutica ao sobrenatural.

É este o caminho do pensamento aqui iniciado: despedir-se do extenuado classicismo moderno e, talvez, como foi o caso durante a Contrarreforma Católica do século XVI, voltar, contra a Reforma protestante, a uma “barroquização” do “estar-junto”, em que o corpo, os sentidos, a liturgia, os rituais ocupam um lugar especial. É assim que a renovação do

⁶ K. Marx, *Sur la question juive* (1843). Paris: Éd. La Fabrique, 2006; ver K. Löwith, *Histoire et salut. Les présupposés théologiques de la philosophie de l'histoire*, Paris: Gallimard, 2002; ver, também, minha crítica do mito do Progresso em *La violence totalitaire*, 1979, reed. em *Après la modernité?* Paris: CNRS Éditions, 2008, p. 445.

⁷ NT: O que se refere a um raciocínio lógico.

“realismo” tomista sublinha, cotidianamente, que as teorias da emancipação, do *progressismo* estúpido ou destrutivo, dependendo da situação, já caducaram. Com efeito, é mesmo a inversão de tudo isso que está se operando. E se existe “escatologia” – o conhecimento sobre o fim dos tempos –, ele o é guardado por todos aqueles que já não acreditam nos valores progressistas da modernidade. Se existe um “apocalipse”, trata-se, no seu sentido estrito, daquele da revelação de um mundo em via de (re)nascido.

Renascimento, particularmente visível, no entusiasmo das jovens gerações pelo espiritual. A política, os políticos, o político não têm mais nada de atrativo. A transfiguração em curso, porque é bem disso que se trata aqui, sublinha a nostalgia do sagrado. Talvez devêssemos dizer, simplesmente, seu retorno.

Paixão, às vezes até excitação, pelos mistérios da emoção infinita da vida “sacral”. O que nos permite discernir a sua secreta opulência para além, justamente, do aparente mistério!

Em outros termos, pode-se ouvir o eterno lamento humano, como no caso das teorias da emancipação, e, ainda assim, estarmos atentos ao sonho benéfico, ao sonho reconfortante de uma humanidade muito dolorida. Nietzsche, certamente, ficaria surpreso ao vê-lo! Mas é, com efeito, uma espécie de *amor fati* de que falamos.

Simplesmente, ajustando-nos àquilo que é, adaptando-nos, o melhor que pudermos, a este mundo aqui, em referência a uma transcendência à qual, confusamente, aspiramos. Isso é bem um aceitar seu destino. Outra forma de viver, sem,

necessariamente, dizê-lo, conforme a tradição. Ou seja, o que foi, em seu tempo, “dado”, e que convinha ser transmitido (*trado, trans-do*). A tradição é o respeito por tudo o que merece ser levado em conta. E, dentro daquilo que, desde tempos imemoriais, foi transmitido, vemos uma sede do infinito: o sagrado.

Há um termo em uso, constantemente, pelas gerações mais novas, incluindo aquelas das “cidades”, que é o do “respeito”! Conhecem eles, inclusive, sua etimologia: *respicere, respectare*, olhar para trás, olhar atrás de si. Todo um esquema! Mas, quando prestamos atenção às palavras, podendo até prevenir muitos males, isso não deixa de ressoar no inconsciente coletivo. Respeito pela natureza, pelas leis naturais e respeito pelo divino. A radicalidade de uma vida que apela às raízes irrefutáveis do humano. Enraizamento dinâmico, especificidade essa da pós-modernidade.

Raízes, aqui lembrando, para retomar uma expressão popular, que é “o que está preso ao corpo”, e o que, desde a memória antiga, faz parte do corpo social.

Confrontados com pedantes de todos os matizes e com as suas concepções estreitamente racionalistas, tendo elas conduzido, inclusive, as escolas públicas à falência⁸, como se sabe, ou contra esta intelectualidade defasada, é preciso, pois, lembrar que o *natural* e o *sobrenatural* permanecem “ancorados” no corpo da sociedade, o que é uma outra maneira de nos referirmos ao “societal”.

⁸ NT: O autor, aqui, não se refere ao Brasil, mas a seu país natal, a França.

Aqueles que têm o incômodo hábito de falar no lugar dos outros, esses “responsáveis”, respondendo por todas as coisas, e respondendo no lugar dos outros, têm alguma dificuldade em compreender o sentido profundo das insurreições contemporâneas. E o vocabulário capcioso que eles usam não engana mais. Simplesmente, porque os lugares-comuns, o que chamamos de “politicamente correto”, libertam o indivíduo que os pratica do esforço de pensar, fornecendo-lhe um conjunto de opiniões prontas. E é bem o que começa a vir à tona.

Metaforicamente falando, podemos chamar isso de derretimento das geleiras, referentes a uma redução racionalista, de corações gélidos, caracterizando a gregária solitude moderna. E é essa derrocada que sublinha, *a contrario*, o retorno do sagrado. Falência que não compreende que a necessidade não é mais só material, mas que, em determinados momentos, engendra uma alegria: aquela de regozijar o infinito.

Para darmos exemplos dos mais triviais, é interessante observarmos como a padaria *Au bon pain* tende a dar lugar à *La flûte enchantée*. Da mesma forma, o *Café du commerce* desaparece em favor do *Pub du Graal* e de outros *carpe diem*⁹. E o que dizer do *Bougnat du Coin*¹⁰, que atrai os seus clientes oferecendo-lhes “dez vinhos”! Basta percorrermos as

⁹ NT: Expressão latina cujo significado é “aproveite o dia” ou, coloquialmente, “curta o momento”.

¹⁰ NT: Trata-se do antigo idioma francês introduzido pelos *auvergnats* vindos da região de Clermont Ferrant, proprietários de cafeterias, os *cafés* franceses que serviam o vinho. Lugares, a exemplo dos outros mencionados, onde se falavam amenidades e cujos frequentadores trocavam ideias vulgares, banalidades que pontuam o cotidiano.

ruas das nossas cidades para observarmos, juntando todos esses *métiers*, uma miríade de exemplos nesse sentido.

Claro, podemos até zombar disso. E, quem sabe, existam boas razões para fazê-lo. Mas, por outro lado, podemos considerá-los como um índice: *index*, aquilo que aponta. Indício dessa força do espírito, inconsciente dela mesma, em relação a uma força material. O materialismo místico desses anúncios pode ser entendido, para usar uma expressão de Lévy-Bruhl, como uma “participação mágica” numa espécie de transcendência. O inconsciente coletivo sendo, em determinadas épocas, tributário desta.

Se foi a decadência romana que permitiu o desenvolvimento do cristianismo, não podemos considerar, portanto, que é a decadência da modernidade que assegura o sucesso da religiosidade pós-moderna? Em seu livro sobre a inquietação, Fernando Pessoa sublinha que, por oposição a uma incredulidade ambiente, toda sociedade precisa de transcendência, e que até mesmo o mito do Progresso é uma forma disso¹¹. Devemos, pois, saber detectar a sede do infinito em via de (re)nascido nos dias de hoje.

Todo visível pressupõe o invisível, o que implica em sabermos ser o radiestesista das verdades ocultas. Ultrapassar a redução racionalista, razão instrumental própria à mercantilização do mundo, e para além disso; ou seja, alcançar, mesmo com dificuldade, a sabedoria eterna que é aquela da razão

¹¹ F. Pessoa, *Le livre de l'intranquillité*, Paris: Christian Bourgois, 1999, p. 107 s.

suprema. Razão inteira, combinando-se o corpo e o espírito. Ou, como nos lembra Rimbaud, “a verdade na alma e no corpo”¹². O que tem suas raízes nas profundezas da natureza humana.

Inteireza do Ser individual e do Ser coletivo, permitindo o acesso à verdade do mundo. Um mundo, a partir daí, aberto, sem recuo. *Aletheia* é esse invisível, aceitando essa visibilidade e dando, como salienta Heidegger, a “perceptibilidade”¹³. Sim, é preciso chegar a ver. O conhecimento também é “isto-ver”¹⁴. Ver o que está aí. O que nem sempre é fácil; uma vez que, quando nada de modo sumário é dito, precisa-se de uma leitura paciente.

Mas, quando sabemos “ver isso”, é que mergulhamos em um pensamento autêntico. Ou uma teoria incorporada. A palavra “teoria”, não esqueçamos, significa: contemplação. E a *vita contemplativa* conduz, inevitavelmente, ao essencial, até mesmo à quintessência das coisas. Mas, para isso, é preciso encontrar as palavras que possam se tornar pensamentos. O que requer em subtrair-se daquilo que é evidente. E, para além das representações, contentar-se com apresentações capazes de expressar o “sentimento” inicial nessa origem de toda cultura. Cultura, mostraremos aqui, cuja fonte é, sempre, transcendente. Expressão do infinito.

¹² NT: No original, em francês: *La vérité dans une âme et un corps*.

¹³ M. Heidegger. *Séjour–Aufenthalte*. Paris: Éd. du Rocher, 1992, p. 57. Sobre a intensidade vivida ver F. La Rocca, *La ville dans tous ses états*, Paris: CNRS Éditions, 2013.

¹⁴ NT: Ou “ver isto”. Em francês, o autor faz uso de um trocadilho com *ça-voir*: *ça*, com cedilha, que é “isto” ou “isso”, e *voir*, que é “ver”, o que, foneticamente falando, remete ao verbo “saber”, em francês: *savoir*.

Para retornar a uma distinção que é o centro nevrálgico do meu caminho de pensamento, o *poder* sobrepujante¹⁵ de um conhecimento abstrato deve dar lugar à *potência* do espírito corporificado. *Potência* específica do humanismo integral, tendo origem no mistério da encarnação da tradição cristã, na qual Deus, ao tornar-se homem, “desposa” todas as suas potencialidades. É o que mostra o “realismo” tomista, unindo, numa mistura fecunda, a alma e o corpo.

É bem isso que Paul Ricoeur ressalta em seu livro *Lectures*¹⁶, com o sugestivo subtítulo: “Nas fronteiras da filosofia”¹⁷. Analisando a hermenêutica do testemunho, ele recorda a necessidade de um pensamento que coloca tanto a questão do absoluto quanto de sua experiência. Eis o mix de que tratamos quando nos referimos ao divino: sua expressão religiosa, entrando num “fórum externo”, é sempre comunitária e, assim, torna visível o invisível.

O fato religioso como “crisol”, no qual se elabora a relação com o divino. Crisol (*Crucibulum*), derivado de *crux*, daí seu aspecto crucificante. É o suplício de toda a inteireza do religioso, repousando no vaivém existente entre o que os sentidos podem ver e o que só é acessível à alma. Relação difícil existente entre o visível e o invisível, o material e o espiritual. Mas, para quem tem alguma memória das suas humanidades, é a partir da

¹⁵ NT: Em francês, *surplombant*. Aquilo que pende projetando-se do alto. Dominar situando-se em cima de...

¹⁶ NT: “Leituras”.

¹⁷ P. Ricoeur, *Lectures*, t. III, *Aux frontières de la philosophie*, Paris: Éd. du Seuil: 1994, p. 107 s.

“catabase”, a descida iniciática ao substrato do ser, que existe uma possível “anabase”, essa ascensão rumo à origem do Tudo.

Origem, fonte de um pensamento original. Em outros termos, a tradição é uma transmissão do que é imutável. Quanto a isso, o que liga o fundo e o ápice. É isso, na verdade, o que necessita um enraizamento do pensamento. Para citar uma fulgurância poética: “A raiz do que nos deslumbra está nos nossos corações” (Francis Ponge, *Pièces*).

Ligação do fundo e do ápice, do corpo e do espírito, da sombra e da luz; é isso o que precisamos, constantemente, dizer e repetir. A verdade é sempre obscura. Até, inclusive, contra o pensamento calculista e contra as múltiplas análises de negócios que ocupam o topo do patamar midiático. É o pensamento meditativo que permite uma abertura ao mistério específico desta tensão nata rumo ao infinito. É isso que faz do homem, como observa o filósofo, um *Grenzgänger des Grenzlosen*, um passageiro ou um transeunte do ilimitado¹⁸.

E é este ilimitado que constitui o imperativo atmosférico do momento. Com efeito, a modernidade conduziu, inevitavelmente, à secularização, à desmitologização e, pois, à perda do sagrado. Mas, para aqueles que estão atentos à verdade obscura específica da espécie humana, é inegável que se assiste a um surpreendente renascimento “sacral”. Após o declínio, uma nova gênese está em curso. O renascimento do “princípio-esperança”, considerando, a partir de um

¹⁸ M. Heidegger, *Routing to speak*, Paris: Gallimard, 1959, p. 137.

antigo conhecimento incorporado, que os ciclos se sucedem. Inclusive, epifanizando aquilo que, anteriormente, havia sido marginalizado, relativizado ou mesmo combatido.

É bem isso – *bis repetita placent* – o que faz com que, de fato, pode haver a agonia de um mundo, o fim de uma determinada época, e naquilo que nos diz respeito: saturação da modernidade. Mas tudo isso é a prefiguração de um mundo em gestação, no qual a sede de infinito gera esse choque amoroso específico do que Max Scheler chamou de *ordo amoris*¹⁹. Ordem do amor, não simplesmente satisfeita com o economicismo, o materialismo ou a obsoleta sociedade de consumo.

Tudo causa e efeito do ressurgimento do divino. Inclusive à imagem da vida, uma redundância perpétua, e de que os rituais cotidianos o testemunham. Só podemos apreendê-lo por meio de um pensamento que, como ondas as quais, erodindo o penhasco, retornam – sem, absolutamente, repetir-se – sobre as eternas questões colocadas por este Real, do qual, nunca será demais dizê-lo, é um misto composto do visível e do invisível. O que é, *stricto sensu*, abissal!

Entrelaçando-se, ainda, para compreender esta ordem de amor preocupada com o divino. Ou o fato de que, ao contrário da redução racionalista, a razão integral tem em conta o corpo e a alma. O que hoje chamamos de “holismo” (Cap. I), o que nos leva a mergulhar neste “regime noturno do imaginário”

¹⁹ M. Scheler, *Six essais de philosophie et de religion*, Fribourg: Éd. Universitaires Fribourg, 1996, p. 54.

em que a sombra, o segredo e o mistério ocupam um lugar privilegiado (Cap. II). O que não é “indolor” e o que exige uma descida ao Inferno. Catabase, que é o confronto com a morte como “falecimento”, para seguir em frente (Cap. III). Coisas todas induzindo a uma extinção desse egoísmo que foi a especificidade da modernidade (Cap. IV).

Assim, o ressurgimento do “nós”, isto é, do ideal comunitário, conduz, dando todo o seu peso à memória imemorial da Tradição, a uma aceitação deste “mundo-aqui”. O sentido do limite (Cap. V). Mas essa limitação permite, paradoxalmente, uma visão mais ampla. Transmutação do mundo social (Cap. VI). Aqui, retomando a ideia de uma verdade obscura, mostra no que as trevas podem ser riantes (Cap. VII). O que dá sentido a uma existência vivida em plenitude: a imensidade-vida (Cap. VIII).

Como base dessa misteriosa encarnação, dessa ligação entre o humano e o divino, a imperfeita perfeição do “número” três. Aquela do ternário do qual o mistério da Trindade é o exemplo acabado. “Número” que fornece os elementos para a tentativa de decifrar os abismos da humanidade com referência aos de Deus (Cap. IX).

E, a partir daí, regressar a uma meditação sobre a *catolicidade* essencial, aquela do fato religioso, isto é, de uma *reliance*²⁰ como fundamento da cultura ocidental (Cap. X). A sabedoria popular também, vendo nas imagens compartilhadas, o icônico, uma alternativa ao econômico

²⁰ NT: Neologismo, em francês, que significa “ligação”, “conexão”, “vínculo”.

reduzidor. É nesta *catolicidade* tradicional que tudo pode se recriar a partir das reminiscências.

Este é o convite ao mistério proposto nas páginas que se seguem. Uma verdadeira revolução está em curso.

Revolução (*revolvere*), vendo o retorno de uma apatência pelo sagrado, que se acreditou obsoleto ou mesmo obscurantista. E eis que, agora, renasce com uma potência insuspeita. As gerações mais novas, do qual são portadoras, atualizam estas palavras premonitórias de Mozart: “O desconhecido me fala”.

Depois de *A palavra do silêncio*, que considera um tratado de teologia para a pós-modernidade, Michel Maffesoli esforça-se, no seu novo ensaio, por decifrar o que chama de “religiosidade pós-moderna”. Estuda, assim, as etapas que marcam este “retorno do *sacral*”: a reabilitação dos sentidos e de uma razão sensível, a importância da partilha, do mistério, da iniciação – mas também a necessária ancoragem na tradição. É assim que as figuras católicas da Trindade (a *unicidade* de Deus em três pessoas) ou da comunhão dos santos representam para o pensador das “tribos” as metáforas mais adaptadas ao imaginário contemporâneo do sagrado. Um ensaio profundo que oferece ao leitor não um retorno ao catolicismo como instituição e dogmatismo, mas um verdadeiro ressurgimento da catolicidade. Bem como o retorno a uma apreensão popular e emocional da transcendência.


PUCPRESS



Instituto
Ciência e
Fé PUCPR

